

# TRÊS CENAS DE ENUNCIÇÃO NO CONTEXTO DE PREPARAÇÃO DA COPA DE 2014: ENTRE INTERNET, RUA E SALA DE AULA, O CONTRA-DISCURSO FALA

Júlia Almeida\*

**Resumo:** Pretende-se aqui constituir um panorama dos embates que têm como objetos discursivos o país e os brasileiros no contexto de preparação da Copa do Mundo Brasil 2014. A partir de teorias do discurso (FOUCAULT, 2009, 1985; MAINGUENEAU, 2012, 2008) e da nação contemporânea (HALL, 2011; BHABHA, 1990), que nos permitem pensar a cultura nacional entre discurso e contra-discurso, contrastamos imagens/enunciados oficiais, produzidos pelos organizadores da Copa 2014 (Fifa e governo), com vozes da população brasileira, disseminadas na internet, nas ruas e nas salas de aula, constituindo um *corpus* que se toma de três distintas cenas e diferentes *locus* de enunciação: os comentários verbais e visuais à logomarca da Copa em *posts* na internet; os cartazes nas manifestações de junho de 2013; e as redações em sala de aula no período logo após as manifestações. Observam-se, nos discursos e nas imagens que dão a ver o país e os brasileiros neste cenário, as marcas de uma mudança cultural em processo no modo como se imagina e se narra a comunidade nacional.

**Palavras-chave:** Discurso. Brasil. Copa Fifa 2014. Comunidade imaginada.

**Abstract:** We intend here to provide an overview of the discursive battles about the country and the Brazilians as discursive objects in the context of the preparations for the 2014 Fifa World Cup. Considering theories of discourse (FOUCAULT, 2009, 1985; MAINGUENEAU, 2012, 2008) and of the contemporary nation (HALL, 2011; BHABHA, 1990), which allow us to think the national culture between discourse and counter-discourse, we contrast images/Fifa/government's official discourses with the voices of the Brazilian population disseminated on the internet, on the streets and in the classrooms, constituting a *corpus* that takes three different scenes and different *locus* of enunciation: verbal/visual comments on internet posts about the 2014 Cup official symbols; the slogans in the political demonstrations of June 2013, and the texts produced in the classroom during the period immediately after the protests. These discursive inscriptions about the country and the Brazilians indicate the marks of a cultural change in process in the way we imagine and report the national community.

**Keywords:** Discourse. Brazil. Cup Fifa 2014. Imagined community.

## Introdução

Sabendo-se como o futebol é um poderoso agenciador de sentidos, sentimentos e imagens do Brasil – não somos “o país do futebol”? –, com a realização da Copa do Mundo vivemos um cenário de tematização, discursivização e visibilização da nação a partir das

---

\* Professora Doutora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil, almeidajulia@terra.com.br

questões do futebol, um momento propício para perceber ancoragens, contornos e variações nos modos de ver e dizer o país. Esse tem sido o objetivo do projeto “Discursos e imagens do Brasil no contexto transnacional da Copa de 2014” que, desde 2012, tem procurado evidenciar os contrastes entre os discursos e sentidos oficiais atribuídos ao país pelos organizadores (Fifa e governo) e a disseminação, na internet e nas ruas, de contra-discursos e contra-sentidos aos emblemas e campanhas oficiais da Copa e às imagens do Brasil aí em pauta.

Essa perspectiva não seria possível sem um conjunto de formulações teóricas que constroem o viés de problematização mais amplo, que filiamos à articulação entre duas vertentes teóricas: as teorias do discurso (FOUCAULT, 2009, 1985; MAINGUENEAU, 2012, 2008) que nos servem de aporte à compreensão dos sistemas de dispersão ou repartição do que pode ser dito, com o que comportam de trocas, deslocamentos e reutilizações com novos objetivos, num “jogo complexo e instável” que “veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo” (FOUCAULT, 1985, p. 96), em diálogo com as teorias mais diretamente da nação (ANDERSON, 2008; HALL, 2011; BHABHA, 1990), resultando na possibilidade de realçar nos processos discursivos que ocorrem em torno do país o caráter polifônico, não unificado, não hegemônico, as tensões e diferenças na representação da nação.

Dois contextos nos pareceram ilustrar muito claramente essas diferenças nos modos discursivos de dizer a nação nesse período de preparação da Copa: o primeiro foi o da reação aos emblemas oficiais da Fifa, que ocorreu entre 2010 e 2012; o segundo o das manifestações durante a Copa das Confederações, em junho de 2013. Pretendemos discutir os acontecimentos discursivos que irrompem nesses contextos e articular um terceiro momento, que é precisamente o da sala de aula no período logo após a Copa das Confederações, em que se torna possível um trabalho coletivo e uma escuta mais qualificada aos sentidos que surgem e se deslocam nessas “preliminares” nada previsíveis da Copa no Brasil e que expandem as possibilidades enunciativas e críticas do Mundial, que a cada quatro anos encena uma “maneira privilegiada pela qual a nação ritualiza um certo acerto de contas consigo mesma” (WISNIK, 2008, p. 182).

Partimos então à análise, em tópicos separados, dessas três cenas de enunciação, entendendo pelo termo a instanciação de embates discursivos que permitem a irrupção, o contraste, o confronto e a negociação dos sentidos para o país: “Entre discurso oficial e contra-discurso nas redes: desentendimentos sobre os símbolos oficiais da Copa de 2014”

investiga a reação aos emblemas na internet, ao *ethos* de país pretendido pelas instâncias oficiais e a produção e disseminação de contra-sentidos à imagem visada; “Reescritas do Brasil no discurso dos cartazes das manifestações de junho de 2013” indaga como o discurso oficial do *site* do governo fundado na expressão “pátria de chuteiras” é contrastado pela polifonia de *slogans* nos protestos que parecem deslocar o discurso do “país do futebol”; “Escola e subjetivação: pensar o país se fazendo” abre a possibilidade de os espaços acadêmicos e escolares ressoarem e responderem esses acontecimentos da atualidade brasileira.

### **Entre discurso oficial e contra-discurso nas redes: desentendimentos sobre os símbolos oficiais da Copa de 2014**

A profusão de emblemas produzidos não oficialmente nos vários *links* do *Google* que disponibilizam logomarcas da Copa de 2014, pareceu-nos um indício curioso de um embate entre representações visuais do país no contexto de preparação da Copa. Sabendo que os símbolos oficiais de uma Copa são parte importante da visibilidade do país-sede em construção e difusão, seguindo os rastros da reação à logomarca e ao mascote da Copa no Brasil, procuramos perceber como, nas relações de sentido (e não sentido) que se criam e recriam entre o símbolo e a comunidade, explicitam-se ancoragens, contornos e fraturas nos modos de dizer e ver o Brasil neste contexto. Vejamos os dois símbolos oficiais da Copa de 2014:



**Figura 1:** Logomarca oficial<sup>1</sup>



**Figura 2:** Mascote<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Versão oficial da logomarca acompanhada de texto de apresentação, publicada no *site* da Fifa. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/worldcup/officialblem/index.html>>. Acesso em: 06/07/2012.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://pt.fifa.com/worldcup/media/newsid=1701445/index.html>>. Acesso em: 06/07/2012.

Sobre a logomarca e os efeitos de sentido produzidos no contexto de sua divulgação (sobretudo nos anos de 2010 e 2011), analisando imagem e texto de apresentação no *site* da Fifa e comentários da agência África que o realizou – e que enfatizam o traço artesanal do desenho –, podemos dizer inicialmente que o *ethos* visado para o país, entendido no sentido antropológico como tom, caráter, disposição, estilo moral e estético de um povo (GEERTZ, 1978) é de uma nação vitoriosa, acolhedora, exuberante, moderna, diversa e próxima do seu povo. Mas as ferramentas do mundo virtual permitem reinventá-los e comentá-los à exaustão, dando espaço e legitimidade a contra-narrativas textuais e iconográficas, a ponto de alguns símbolos alternativos tomarem por vezes o lugar do símbolo oficial.

Para pensar a questão dos *ethé* atribuídos nessa polifonia na internet em contraste com o *ethos* de nação vitoriosa pretendido pelas instâncias oficiais, interessaram-nos algumas leituras duplas da imagem: primeiramente, a versão mais reproduzida na internet, tanto no Brasil como no exterior, conhecida como a versão #chico2014 ou *facepalm* (mão sobre o rosto), em que as duas mãos em verde tornam-se o cabelo e a mão em amarelo espalmada cobre o rosto, que ganhará uma apresentação própria, variações, corpo; a seguir, uma segunda possibilidade de leitura dupla da logomarca, a partir do campo semântico da expressão “meter a mão”, significando roubar, possibilitada pelo tema das três mãos entrelaçadas; por fim, a logomarca do Comitê Popular da Copa e os textos relacionados que remetem à desigualdade e à violação de direitos na preparação da Copa.



**Figura 3:** A versão *facepalm*<sup>3</sup>



**Figura 4:** “Logo” da Copa 2014<sup>4</sup>



**Figura 5:** Copa para quem?<sup>5</sup>

<sup>3</sup> A versão *facepalm* ou #chico2014 foi recorde de postagem nas redes sociais, circulando por vezes ao lado de uma foto de Chico Xavier psicografando, que produz efeitos de sentido no campo do *nonsense*; rimos da quebra de expectativa, do inusitado da associação de sentidos aproximados. Como várias, é encontrada em vários sites e blogs. A Fig. 3 foi postada no endereço: <<http://i.magini.me/2010/06/brasil-ja-tem-logo-para-a-copa-2014/>> Acesso em: 12/07/2012.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/tragico-e-comico/2010/06/02/a-concepcao-do-logo-2014/>> Acesso: 15/07/2012.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://racismoambiental.net.br/2012/11/copa-para-quem-comite-popular-da-copa-sp-organiza-ato-para-1o-de-dezembro/>> Acesso em: 01 dez 2013.

Quando associada à face envergonhada encoberta pelas mãos, a imagem paródica reverbera um *ethos* negativo de desolação, de constrangimento, que se associa a percepções do país pelo viés do fracasso, embaladas pela percepção latente de uma incapacidade de gerir a Copa, a começar pela falta de transparência e critérios claros na escolha da própria logomarca. Quando associada a mãos que roubam, as imagens aludem à corrupção na Copa e ao *ethos* de um país eticamente questionável. Entre essas, a mais institucionalizada é a do Comitê Popular da Copa, cujo *site* vai apontar as violações de direitos humanos e os impactos da Copa para as populações mais vulneráveis:

[...] remoções forçadas de milhares de pessoas de suas casas sem alternativa de moradia digna para dar lugar a obras viárias; expulsão da população em situação de rua do centro da cidade num claro processo de 'limpeza' social; precarização dos direitos e condições de trabalho daqueles que constroem as obras; perseguição aos trabalhadores ambulantes, impedidos de trabalhar; militarização da cidade com diversas operações policiais que têm como alvo criminalizar, reprimir e exterminar a própria população – especialmente pobres, negros e periféricos, e os movimentos sociais; além da aplicação de mais de 30 bilhões de reais – dinheiro público – em obras para um evento que será acessível a poucos e que tanta falta faz na saúde, educação, moradia, transporte e no próprio esporte<sup>6</sup>.

Da logomarca, pode-se dizer então que os ambientes virtuais (*blogs, sites, redes sociais etc.*) apresentam o registro contundente da não adesão dos internautas ao emblema oficial. Diríamos que, não sendo o emblema capaz de estabelecer com parte da população as relações de sentido pretendidas – a unificação das diferenças – nem de estabilizar uma visibilidade-síntese – um *ethos* positivo verossímil – para o país-sede da Copa, o desenho deriva numa flutuação contra-discursiva que expõe, ao contrário, as diferenças, contradições, impropriedades que a escolha dessa imagem, que o próprio país e que as hierarquias internacionais em jogo encerram. O clímax desses indícios de forte contraposição aos discursos dos emblemas e a algumas práticas de gestão da Copa ocorrem, em 2012, na ocasião da apresentação do mascote.

Estando mais sensível às vozes da população e seu nichos culturais, em março de 2012 a Fifa elege o tatu-bola como mascote oficial da Copa de 2014, candidato da ONG Associação Caatinga, do Ceará, símbolo que recebeu de imediato uma grande aceitação nas

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://racismoambiental.net.br/2012/11/copa-para-quem-comite-popular-da-copa-sp-organiza-to-para-lo-de-dezembro/>> Acesso em: 01/12/2013.

mídias sociais. Em lugar da imagem-síntese do país que a logomarca pretende construir, o mascote traz aos planos nacional e internacional uma expressão local, regional, representante de um bioma particular do Nordeste, pelo qual se reafirmam a intimidade e a habilidade do brasileiro com a bola. Se a imagem do tatu-bola vence a estranheza inicial de termos um animal que gosta fazer buracos, e o mascote cria um laço com a população, a escolha de seu nome revolve as redes sociais e um abaixo-assinado de mais de 10 mil pessoas circula na internet esperando que os nomes para escolha sejam alterados. As opções apresentadas pela Fifa – *Amijubi*, junção das palavras "amizade" e "júbilo", *Fuleco*, que reúne "futebol" e "ecologia", e *Zuzeco*, mistura de "azul" e "ecologia" – são fortemente repudiadas.

Mas o dissenso realmente sai das telas quando, para estimular a campanha em torno da escolha dos nomes do mascote, uma versão inflável do tatu-bola de sete metros foi espalhada a partir do final de setembro de 2012 em algumas cidades do Brasil, em praças, estádios e instituições do governo. Na primeira quinzena de outubro, três desses bonecos foram objeto de protestos: o primeiro, em 4 de outubro, em uma praça de Porto Alegre; o segundo, em 9 de outubro, em Brasília, na Esplanada dos Ministérios; e o terceiro, em 13 de outubro, em São Paulo, no Vale do Anhangabaú. Em geral, os grandes jornais forneceram poucas informações sobre essas ações e suas causas, não evidenciando que, pelo menos em Porto Alegre e São Paulo, trata-se de protesto organizado contra práticas associadas à Copa consideradas contrárias ao interesse público. A informação mais detalhada se encontra no *Youtube*, em que são postados vários vídeos gravados por anônimos e por participantes, dando alguma consistência a esses acontecimentos.

Em Porto Alegre, o que seria uma ciranda em torno do mascote, como protesto ao uso do espaço público para exposição do boneco patrocinado pela Coca-Cola, termina num grande confronto entre jovens e a polícia<sup>7</sup>. Em São Paulo, o protesto foi mais claramente organizado por um movimento intitulado “A cidade é nossa”, contra a valorização imobiliária e os incêndios nas favelas. Um vídeo postado no site do Uol<sup>8</sup> registra um painel animado pelo refrão “é construtora, expulsão, a Copa não é futebol”, que faz cair por terra o enorme tatu verde e amarelo com sua camisa vermelha da Coca-Cola. As palavras finais “fora a especulação e a higienização! Essa Copa não é nossa!” completam o registro dessa queda do mascote. Mas esses vídeos são apenas a ponta de um *iceberg*. Neste contexto de grandes

---

<sup>7</sup> Vídeo intitulado “Morte do Tatu: por que o povo não aguenta tanta porcaria”. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_embedded&v=z1ZKXA12x44](http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=z1ZKXA12x44)>. Acesso em: 06/11/2012.

<sup>8</sup>Disponível em: <http://mais.uol.com.br/view/13383696>>. Acesso em: 06/11/2012.

transformações das cidades para tornarem-se palco privilegiado do megaevento internacional, notam-se os esforços de uma singular produção audiovisual urbana – potencializada pelas possibilidades de solidariedades transnacionais que as técnicas de captação de recursos pela internet proporcionam – procurando tornar visíveis e audíveis os embates de forças nas áreas de remanejamento e que dá voz às comunidades que vêm sofrendo mais diretamente a intervenção dos preparativos para a Copa e Olimpíadas. A Paêbirú Realizações Cultivadas, sob a rubrica do projeto Domínio Público, disponibiliza na internet a versão piloto do documentário *Domínio Público*<sup>9</sup>, com versões legendadas em inglês, espanhol e francês, os vídeos *Domínio Público – Lei Elite da Copa* e *Domínio Público – Porto Maravilha – Para quem?*, que registram e divulgam os processos de “revitalização” do Rio da perspectiva das populações que vêm sofrendo as ações de desapropriação e expulsão. Não há dúvida de que há muitos interesses com a valorização imobiliária dessas áreas e que muitas dessas comunidades sairão forçadamente de suas casas para ceder espaço a compradores e investidores de maior monta.

Tendo a internet como *locus* material de enunciação e circulação, estavam colocadas essas vozes sociais potencialmente interessadas em divulgar ao Brasil e ao mundo (alguns vídeos com legendas em várias línguas numa intenção clara de falar ao exterior) um contradiscurso ao que o governo e a Fifa pretendiam dar a ver e dizer sobre o país, explicitando as contradições do processo de preparação e realização da Copa de 2014: seus custos sociais, culturais, materiais etc. Contrastam aí o discurso oficial – dos organizadores, do governo e da grande mídia – que pauta o processo de construção de uma imagem dominante do país, um “país-só-imagem” – e essa rica produção cultural que interpela o processo a partir de outros ângulos, em uma crítica ao projeto de constituição de um país como visibilidade esvaziada de possibilidades reais de existência.

### **Reescritas do Brasil no discurso dos cartazes das manifestações de junho de 2013**

O início da Copa das Confederações, a presença da mídia internacional e a atenção mundial voltada ao evento-teste para a Copa do Mundo Fifa 2014 no Brasil são os fomentadores de um contexto excepcional para que um outro enredo se escreva e surpreenda as expectativas da população, do governo, da Fifa e do mundo: como no supostamente “país

---

<sup>9</sup> Vídeos disponíveis em: <<http://www.paebiru.com/>>.

do futebol”, no espaço-tempo mais propício para o brasileiro reacender a chama sazonal do nacionalismo, inflada pelas numerosas propagandas do governo e das grandes marcas convocando o país a vestir os símbolos do país e vir para a festa, resulta num outro sentimento (de indignação), num modo imprevisto de ocupação das ruas (das grandes manifestações), numa outra discursividade (dos milhares de cartazes em protesto), numa possível reinvenção dos sentidos que se quer para o país (como pretendemos mostrar), numa nova possibilidade de mobilização e exercício da cidadania (via redes sociais, sem aparelhos políticos prévios, apartidário)?

Em nosso trajeto de pesquisa das “preliminares” que antecederam a Copa das Confederações, vários desses fatores que então se colocam já estavam postos nas leituras que fizemos da recepção aos símbolos oficiais do evento. Vimos que a internet era o suporte privilegiado de reação e deslocamento dos sentidos oficialmente construídos para o país: ao *ethos* de país vitorioso que a logomarca oficial da Copa pretendia disseminar, um *ethos* de desolação, de país eticamente intolerável. Também vimos como uma insatisfação com relação à Copa saiu das telas em setembro de 2012 em alguns protestos contra a presença do boneco do mascote nas grandes capitais, patrocinado e assinado pela Coca-Cola, denunciando a ocupação de praças e espaços públicos, as milhares de remoções e expulsões.

Que essa vontade de dar a ver o “lado escuro” da preparação e realização da Copa tenha se somado a outras vontades sociais e se precipitado para as ruas, sobrepujando o efeito catártico do futebol sobre os brasileiros, não deixa de ser algo surpreendente, mesmo diante dessas marcas que colhemos ao longo do último ano. Nesse novo momento de disseminação, em que um outro espaço crítico se constrói entre as ruas e as redes, salta aos olhos e ouvidos o modo como os brasileiros procuram se reescrever e reescrever o país, numa amplíssima produção discursiva que circula em cartazes e palavras de ordem nas ruas com reverberação na internet (em manifestos, convites, fotos de cartazes etc.) e que se somam a um enorme acervo de iconotextos propriamente digitais: memes, tiras, textos, depoimentos etc. compartilhadas no volumoso fluxo que as redes sociais fazem circular.

O que se pretende analisar desse processo não são as características desses movimentos sociais novos que “saem do *facebook*” e levaram milhares de pessoas às ruas em centenas de cidades do país, mas realizar, da mesma maneira que fizemos anteriormente, uma escuta dos sentidos sobre o país que se rejeitam, reivindicam, reescrevem nas várias pautas desses movimentos sociais. Por hora, e dada a proximidade dos fatos, poderíamos apenas

formular e exemplificar a hipótese de que as manifestações que se sucedem ao longo do mês de junho de 2013 no Brasil colocam fundamentalmente em questão o modo como o Brasil e os brasileiros foram essencializados, revolvendo o repertório de aforismos e frases que se tornaram “verdades” naturalizadas sobre o Brasil ao longo do último século: “o gigante adormecido”, “o país do futebol”, “o Brasil não é um país sério”, a “pátria de chuteiras”, “o país do futuro” etc.

Parece-nos que esse trabalho discursivo feito por parte da população brasileira nos cartazes, mas também em manifestos e iconotextos em circulação na internet, incide justamente sobre o material discursivo que pretendeu fixar o Brasil e os brasileiros em determinados campos de sentidos; um trabalho coletivo de reapropriação dos enunciados que tem nos subjetivado como brasileiros, ora resgatando expressões e sentidos atribuídos ora subvertendo e desautorizando discursos consolidados, o que Dominique Maingueneau descreveu com processos de captação e subversão (2004). É um trabalho discursivo comunitário que tem no *slogan* do cartaz, no que Maingueneau (2012) definiu como enunciação aforizante (regime das “frases sem texto”, que existem de maneira constitutiva, autônoma, ou por destacamento, citação e recriação) um recurso importante de ativação e reinvenção de uma memória coletiva. A ocupação pelo cidadão dos espaços físicos e simbólicos do torcedor durante a Copa das Confederações é acompanhada por uma tomada de posição em relação aos discursos e imagens que fundaram alguns dos modos, hoje canônicos, de perceber e dizer o país.

Sondaremos aqui especialmente algumas imagens dominantes do país que são reescritas nas formulações dos protestos dando ênfase ao mito do “país do futebol” e ao *ethos* do brasileiro-torcedor daí resultante e que estavam postos na campanha do governo federal sobre a Copa, cujo *slogan* “a pátria de chuteiras” é baseada na expressão de Nelson Rodrigues, que teve papel importante na construção discursiva do Brasil como “país do futebol” que, por um lado, afirma uma singularidade do futebol brasileiro, um “estilo nacional”, que exalta traços tidos como tipicamente nacionais, a ginga, o drible e as habilidades individuais; por outro, funde esse futebol considerado nacional (e suas vitórias) com a nação, que passa a ter no futebol um símbolo de suas qualidades e conquistas, e um sujeito nacional “torcedor”.

A formação discursiva que se cristalizou em torno do Brasil como “pátria de chuteiras” ativa sentidos não só sobre o futebol e o estilo nacional de jogo, mas sobretudo

sobre o modo de dizer/ver o brasileiro e o Brasil através do futebol, que Pelé, representante oficial da Copa de 2014, sintetizou claramente no contexto dos protestos da Copa das Confederações: “Vamos esquecer toda essa confusão que está acontecendo no Brasil e vamos pensar que a seleção brasileira é o nosso país [...]”<sup>10</sup>. Dessa perspectiva, a seleção deveria ser o objeto privilegiado do país, o que as manifestações contrariam, na medida em que o país, não se ocupando com as questões da seleção, passa a se ocupar com outras questões. Como motor de uma formação discursiva que construiu e naturalizou discursos sobre o Brasil e os brasileiros, “a seleção é o país” é um efeito discursivo importante nessa formação, inscrita como mote de campanhas promocionais atuais do governo federal e ativada na voz de seus representantes.

Justamente quando boa parte da publicidade televisiva das grandes marcas durante a Copa das Confederações convoca a euforia coletiva em torno do futebol, conclamando os brasileiros à ocupação das ruas com a alegria de torcer pela seleção é, neste momento de máxima exploração de uma ordem discursiva, que muitos brasileiros vêm opor a esse comando outra ordem do discurso, que trai o *ethos* que alguns antropólogos do esporte gostam de reafirmar como uma verdade inquestionável sobre os brasileiros: basta um gol para que esqueçam todas as contradições do país. Dessa vez, deu-se justamente o contrário e mais surpreendente: o futebol perdeu nesse período esse reiterado efeito de máxima experiência de coesão social (através do lúdico) e o período da Copa das Confederações tornou-se o tempo-espaço de experimentação de uma subjetivação social em busca de outros modos de fazer/dizer o país: à nação coesa em torno da seleção contrapõe-se a disseminação do país em manifestações e demandas por mudança. Há, neste contexto, uma clara rejeição dos *slogans* dos cartazes que vemos abaixo ao Brasil-seleção, entendido como país que prioriza o futebol (e outras esferas do lúdico, o carnaval, por exemplo) em detrimento do Brasil-nação, com qualidade de serviços públicos, como saúde, educação, segurança e saneamento para sua população:

(1) Não queremos Brasil seleção. Queremos Brasil NAÇÃO!

(2) Bem-vindos ao Brasil: onde novela, futebol e carnaval é mais importante que educação, saúde e segurança.

---

<sup>10</sup> Disponível em:

<[http://internacional.elpais.com/internacional/2013/06/21/actualidad/1371770933\\_969399.html](http://internacional.elpais.com/internacional/2013/06/21/actualidad/1371770933_969399.html)>. Acesso em: 24/07/2013.

- (3) Parabéns, Brasil, conseguimos chamar a atenção do mundo sem bunda, drogas, safadeza ou futebol.
- (4) Copa para quem? Prefiro saúde e educação.
- (5) Japão, eu troco nosso futebol pela sua educação.
- (6) Eu quero: escolas e hospitais no “padrão Fifa”
- (7) Era um país muito engraçado,  
Não tinha escolas, só tem estádio.
- (8) Cartão vermelho para a Copa  
Queremos direitos humanos.

Essa intervenção coletiva em cristalizações discursivas que há muito produzem seus efeitos de sentidos e de afetos não se esgota nessas poucas frases apresentadas nem garante com elas seus mais duradouros impactos. Mas coloca o desconforto com relação a uma imagem identitária do Brasil como “país do futebol”, e também com outras expressões que que pretendiam dizer a “alma brasileira”: até “o novo jeitinho brasileiro” inscrito em um cartaz nos protestos coloca uma interrogação na afirmada identidade brasileira nos termos do “jeitinho”. Por meio desses cartazes e sua inscrição no espaço-tempo da Copa das Confederações, evidencia-se que a preparação da Copa de 2014 trouxe à tona contradições e intoleráveis que parte da sociedade brasileira (75% da população apoiando o movimento duas semanas depois de iniciado) dá sinais de não querer mais aceitar.

Os cartazes das manifestações de junho de 2013 seriam indícios de uma mudança cultural em processo nos modos de os brasileiros dizerem o país e se dizerem como brasileiros? O trabalho discursivo coletivo nesse momento das manifestações, que tem na produção de novas aforizações a partir das que se fixaram no imaginário nacional traz, nas suas possibilidades interpretativas, uma recusa a um discurso primeiro que é revisto pela constituição de um outro ponto de vista ou alteridade (MAINGUENEAU, 2012). Rejeita-se, nessas inscrições, a imagem do país que se satisfaz apenas com as vitórias no futebol, para que, como dizia Wisnik “seus dons se irradiem para áreas menos lúdicas” (2008, p. 408); também subvertem o discurso do brasileiro como passivo, torcedor, povo-problema, adormecido; enfim, permitem que se crie uma outra imagem da comunidade – a nação é antes de tudo imaginada, lembra-nos Anderson (2013): uma mudança cultural em curso no campo

dos sentidos e dos afetos – da subjetivação – trazida à tona nesses sete dias que surpreenderam o Brasil e o mundo.

### **Escola e subjetivação: pensar o país se fazendo**

As relações da escola, da alfabetização e da leitura com a condição do nacional foram muito bem pontuadas na tese de Benedict Anderson de que “o que inventa o nacionalismo é a língua impressa, e não uma língua em particular” (2013, p. 190), com maior ou menor mediação de sistemas educacionais. A escola teve papel relevante na produção de subjetividades nacionais, mediante técnicas de criação de disposições receptivas para a internalização, nos sujeitos modernos, do pertencimento a uma comunidade nacional, que é inicialmente uma comunidade de leitura.

A partir desses estudos de Anderson, Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (1992, p. 22), chamou a atenção para os processos diversos que estão ocorrendo nas formas contemporâneas de identificação cultural, particularmente quanto ao pertencimento a uma cultura nacional. Se uma teoria moderna da nação afirmava a unificação da cultura nacional em torno de suas instituições culturais, símbolos e representações, que logravam homogeneizar a diferença cultural em uma unidade ou identidade, a reflexão contemporânea tende a realçar o caráter discursivo desses dispositivos da nação que, investidos de poder cultural, têm por finalidade representar a nação como unificada, sem que de fato tenhamos que pensá-la como tal. Para Hall, as culturas e identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e são atravessadas por divisões e diferenças internas.

Homi Bhabha, um pouco antes, havia organizado *Nation and Narration* (1990), em que a nação é percebida no ato de se escrever, de se narrar, na ambivalência entre progresso e regresso, entre racionalidade política e irracionalidade; na instabilidade e na indeterminação dos sentidos que se produzem na linguagem, arrebatadas pelas diferenças culturais: na “ampla disseminação pela qual nós construímos o campo de significados e símbolos associados com a vida nacional” (1990, p. 3, tradução nossa); na direção de novas relações com o exterior e de construção de uma perspectiva internacional. Será preciso ver além dos dispositivos de homogeneização e hegemonização de certos valores culturais para indagar os processos que o autor chama de “dissemiNação – de significado, tempo, povos, fronteiras culturais e tradições

históricas” (1990, p. 317), em que uma polifonia de histórias e contra-narrativas escreve a nação como “‘zona de instabilidade oculta’ onde reside o povo” (FANON apud BHABHA, 1990, p. 303), revolvendo o terreno das manobras ideológicas pelas quais comunidades recebem identidades essencializadas.

Foi seguimos os rastros dessa teorização contemporânea do nacional, que pensamos os embates discursivos em torno dos emblemas da Copa como “marcas da disseminação”, e também o discurso dos cartazes no período das manifestações: figuras do heterogêneo, do contraditório, das diferenças culturais incomensuráveis, da “desidentificação” com as vozes oficiais que pretendem distribuir os sentidos a partir dos quais pensamos o país hoje. Agora é a vez de pensarmos o espaço acadêmico e escolar neste processo, em como podem atuar no sentido de “produzir uma permanente crítica das condições de produção do conhecimento e da cultura do país” (ALBUQUERQUE Jr., p. 347), ajudando-nos a nos localizar criticamente dentre os vários fluxos culturais (inclusive midiáticos, que são formadores por excelência da opinião circulante) neste contexto da Copa, que tente a colocar em ebulição diversas possibilidades enunciativas sobre o país.

Pensando em potencializar as condições de resposta aos vários discursos e ações fomentados a partir das manifestações de junho de 2013, trabalhamos em curso de graduação na Universidade Federal do Espírito Santo com temática ampla associada ao país no contexto da Copa e das manifestações. Os alunos de graduação em Letras foram motivados a produzir, em uma das sequências didáticas do curso, uma proposta de redação que foi levada posteriormente ao ensino fundamental para discussão e desenvolvimento de textos, constituindo este processo em dois tipos de materiais de registro: doze propostas de redação de gêneros variados sobre temas igualmente variados no contexto das manifestações; 38 redações de alunos do ensino fundamental que desenvolveram as propostas sugeridas como atividade livre em sala. Entre essas duas tarefas que se cumprem no ambiente de ensino, nosso questionamento de pesquisa sobre a sala de aula tensionada pelos diversos discursos que nos interpelam neste momento: será que esses espaços podem nos permitir um posicionamento mais crítico em relação às redes de distribuição de sentido mais imediatas – noticiário, redes sociais – e devolver-lhes uma “permanente crítica das condições de produção do conhecimento e da cultura do país”, como dizia Albuquerque acima?

No *corpus* de propostas de redação elaboradas por alunos de Letras, percebemos que a liberdade de escolher qual gênero fazer o aluno do ensino fundamental desenvolver conduz as

propostas para os gêneros mais dialógicos e situados: de uma mostra de 12 gêneros escolhidos, há seis cartas – carta aberta, carta de reclamação, carta-denúncia, carta argumentativa e duas cartas do leitor –, um convite para manifestação, um manifesto, uma notícia, uma dissertação, uma crônica, um artigo de opinião. A maioria (cartas e manifestos) exige a inscrição de um sujeito ativo em sua condição de cidadão e uma situação de interlocução bem definida – de denúncia, reivindicação, convocação, argumentação –, só em dois casos, da dissertação e da notícia, solicita-se maior distanciamento do enunciador em relação ao interlocutor, ao objeto tematizado e a si mesmo. Nossos alunos-professores em formação não buscaram prioritariamente fazer o aluno *dissertar* sobre as manifestações, mas explorar outras possibilidades enunciativas relacionadas ao contexto proposto, sobretudo gêneros não tipicamente escolares. Também os temas são variados: desde as reivindicações e soluções surgidas no cenário das manifestações às questões específicas sobre Copa e futebol, as propostas exploram um espectro amplo de temas em pauta.

Já no *corpus* de redações produzidas no ensino fundamental, é curioso perceber como boa parte se plasma em modelos bem definidos de gêneros escolares e em enredos da mídia. Por um lado, embora não partam em sua maioria de uma solicitação de dissertação, as redações realizadas tendem a tomar este gênero prototipicamente escolar como modelo de escrita e não raramente preterem o gênero proposto em prol do lugar de fala escolarizado da dissertação. Por outro, vários textos apresentam os acontecimentos a partir do enredo que a grande mídia televisiva consagrou: “começou de forma pacífica em Vitória, mas acabou em tumulto, quebra-quebra, saques, vandalismo”, escreve um dos alunos, entre outras fórmulas semelhantes, em que os sentidos dos acontecimentos são lidos pelo viés pregnante das suas consequências negativas. Podemos justificar essa abordagem superficial e plasmada do gênero e do tema considerando que essa experiência piloto de fazer o nosso aluno de Letras experimentar-se como provocador de uma reflexão mais aprofundada não teve sua plena condição de planejamento e execução: afinal, tínhamos a permissão para propor uma atividade pontual de elaboração de um texto na escola básica e não de uma sequência didática mais complexa.

Mas nos espaços menos saturados por esse intertexto midiático que fala em todos nós, por vezes quando a experiência ou o entendimento nos leva além de narrativas que homogeneízam o espaço discursivo, encontramos os alunos de oitava série no ato de pensar e fabular outra comunidade nacional, por meio de indagações e argumentos, como os citados

abaixo, que não são os mais típicos da mídia:

- (9) “Os estádios estão tampando sua visão?” – indaga a aluna, autora de um manifesto, que dirige a seus amigos da escola;
- (10) “É por isso tudo que tomam coragem e saem para protestar, por que estão cansadas com tanta injustiça política [...]”. (Manuel Castells mostra que só a indignação e a esperança vencem o medo e o risco de ocupar o espaço público em atos de protesto<sup>11</sup>);
- (11) “[...] mas afinal, já houve alguma revolução sem nenhum, mesmo que pequeno, vandalismo?”;
- (12) “Pessoas de todas as idades estão nas ruas buscando um futuro melhor, crianças e jovens estão se mobilizando, estão nas ruas gritando, com cartazes, com mensagens de mudança no país, pois sabem que eles que serão o futuro do país”;
- (13) “Isso tudo apenas para as comidas não serem concorrentes da rede que patrocina a Fifa”.
- (14) “Isso começou com apenas um comum manifesto (comum para a nossa atual sociedade) sobre a passagem de ônibus, mas sem motivo a polícia oprimiu os manifestantes, e claro, o povo brasileiro se revoltou e foi às ruas”.

O último trecho se insere em um dos mais bem elaborados textos produzidos e atribui uma relação causal entre a resposta inicial da polícia e a eclosão das manifestações que a mídia televisiva não foi a primeira a explicitar, inclusive por ter se colocado contra as manifestações da primeira semana. Podemos explorar em outras partes deste mesmo texto outras relações que se tecem neste cenário, como entre o que os políticos (“eles”) querem fazer ver do país e a percepção pelo povo brasileiro (“nós”) das necessidades de mudança e protestos: “os políticos ‘maquiam’ isso com a Copa das Confederações, sabem que o povo brasileiro ama futebol. Mas não, nós queremos o padrão Fifa!”. Aqui o aluno assume o discurso dos cartazes que exigem “padrão Fifa” para serviços públicos, inserindo-se nesse “nós”, numa imagem de comunidade reivindicadora que se apresenta nesses enunciados. Um texto intitulado “Revisando os radicais” questiona como nós professores, nesse afã de transpor os temas da atualidade à sala, acabamos por produzir certos imperativos:

---

<sup>11</sup> CASTELLS, M. (2013).

(15)“Este é o terceiro texto sobre as manifestações que estou tendo que fazer, só essa semana. Já tive de fazer uma redação, uma notícia, outra carta argumentativa, sem contar os quadrinhos para a aula de História. Estou, definitivamente, cansada desse tema. Por isso, me desculpem mas eu vou falar de outra coisa”.

Contrapondo-se à ordem discursiva que prevê para o aluno o lugar de desenvolver o que foi proposto pelo professor, mas não o de formular os problemas, a aluna nos leva a pensar a sala de aula também como espaço de reprodução de conteúdos, assim como questionávamos os noticiários e as redes sociais, isto é, não é por estar no ambiente escolar que um determinado conteúdo tem seus sentidos ampliados e desloca-se da rede de repetições e homogeneizações que criticamos alhures. A atividade foi certamente mais rica para os alunos de Letras do que para os alunos do ensino fundamental.

No experimento proposto, sabíamos que a intervenção no ensino fundamental em uma única aula não traria as condições de um descolamento efetivo dos conteúdos/sentidos mais pregnantes e homogeneizantes. Deixando inscrito o seu limitado processo de produção, esse *corpus* de redações permitiu ao professor em formação de Letras, que era o sujeito privilegiado da atividade, a oportunidade de propor após a análise das redações uma sequência didática completa em que a redação desenvolvida, funcionando como produção inicial, conduzia a reflexão sobre quais outras atividades seriam necessárias para se produzir um texto final com maior densidade.

## **Por concluir**

Nossa percepção deste momento de preparação da Copa de 2014, através dessas cenas e debates – ainda por se concluírem –, confirmam nossa ideia inicial de que esta Copa no Brasil serve muito bem como catalisadora de discursos sobre o país e permite a construção de hipóteses sobre o devir da comunidade nacional na atualidade. Esses três momentos discursivos testemunham o retrabalho da população de internautas, manifestantes, alunos sobre discursos e contra-discursos em circulação no país e dão indícios de uma “nova” comunidade nacional identificada com a mudança. Seguir na pista dessas marcas da disseminação é o método que encontramos para capturar os potenciais de vir a ser deste momento, mesmo que ainda não saibamos os contornos que irão resultar dessas imagens de país que se insinuam em *posts*, cartazes e redações.

## Referências

- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ALBUQUERQUE JR., D. M. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.
- BHABHA, H. (Ed.). *Nation and Narration*. New York: Routledge and Keegan Paul, 1990.
- CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- MAINGUENEAU, D. *Les phrases dans texte*. Paris: Armand Colin, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- WISNIK, J. M. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.